

ESCRAVOS DE JÓ

Anibal Lopes Guedes¹
Carina Taderka da Silva²
Valdecir Balbinotti³

RESUMO

Este artigo visa apresentar uma atividade educativa envolvendo o ensino de música no contexto escolar, tendo como subsídios teóricos Schafer (2011). A pesquisa é de caráter exploratório e descritivo. Para isso, a atividade educativa foi desenvolvida com estudantes da sexta fase, do curso de Pedagogia, da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim. Como resultados evidenciamos a importância do ensino da música a fim de promover o desenvolvimento integral de cada sujeito e também como forma de promoção de processos criativos e a sua articulação com outras artes.

Palavras-chave: Ensino de Música, Musicalização, Artes.

1. INTRODUÇÃO

“A música sempre esteve associada às tradições e às culturas de cada época.” (BRASIL, 1997, p. 53).

Fazendo parte da de várias situações da vida humana, servindo para: ninar, guerrear, dançar, divertir, trabalhar, relaxar, seduzir, educar, contar histórias, etc. (TAVARES; CIT, 2013).

Neste sentido a música, pode ser compreendida a partir de dois vieses. O primeiro conceitua a música enquanto o uso humano do som e do silêncio. O segundo viés conceitua a música enquanto linguagem de interação social, como forma de produzir conhecimento (TAVARES; CIT, 2013).

Enquanto linguagem, o ouvinte tem uma função ativa e nisso, “[...] a linguagem é um fenômeno que assume a complexidade das relações humanas, atuando como um lugar de interlocuções, de trocas, de construção de conhecimentos.” (TAVARES; CIT, 2013, p. 18).

Portanto, a música é uma linguagem que permite ao sujeito criar, expressar, conhecer, ressignificar e transformar seu contexto, sua realidade. Mas para que isso, aconteça é necessário que os sentidos desse sujeito sejam “educados”, “formados”, “sensibilizados” para

1 Professor orientador: Doutor, Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, anibalguedes@gmail.com;

2 Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, carinataderka2010@hotmail.com.

3 Graduando pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, balbinotti2003@yahoo.com.br.

que a percepção de seu universo musical seja mais amplo, que ele possa apreciar diversas manifestações artísticas e desenvolver ou produzir suas músicas (TAVARES; CIT, 2013). Para tal fim, o sujeito precisa ser alfabetizado dentro desta linguagem, como afirma Schafer (2011).

O processo de alfabetização, de acordo com Schafer (2011), passa por um conjunto de etapas. Primeiro ouve-se os sons; estes passam por um processo de julgamento e análise, e, por fim, a etapa final envolve o fazer musical.

Por isso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino fundamental apresentam um conjunto de conteúdos musicais envolvendo a compreensão de uma linguagem musical (BRASIL, 1997). Já a lei nº 11.769, estabelece a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas de educação básica (BRASIL, 2008).

Rodrigues e Moura (2016) afirmam que os dois documentos levam em consideração:

[...] à escuta, o envolvimento, a compreensão, a identificação, a percepção, a comparação, a execução, a criação, a análise, a audição da linguagem musical. Desenvolvendo assim nos educandos aspectos cognitivos, criativos gerando habilidades em toda sua totalidade, proporcionando um importante modo em sua expressão pessoal. (RODRIGUES; MOURA, 2016, p. 2).

Isto posto, este artigo visa apresentar uma atividade educativa, denominada “Escravos de Jó...” envolvendo o ensino da música junto aos estudantes da sexta fase, da Pedagogia, da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim, no ano de 2018. Para tanto, a atividade educativa foi desenvolvida a partir das considerações musicais descritas por Schafer (2011). A pesquisa é de cunho exploratório e explicativo.

De acordo com Gil (2008) a pesquisa exploratória proporciona uma visão geral de um determinado fato. Isto é, a fase exploratória configura uma etapa de investigação mais ampla que envolve um determinado contexto, pois permite delinear e familiarizar-se com objeto de investigação. Além disso, a pesquisa é explicativa, pois, de acordo com Gil (2008), explica a razão e o porquê das coisas.

A partir disso, na sequência exploram-se elementos do ensino da música, seguido pela descrição da atividade educativa envolvendo o contexto musical, findando com as considerações finais e os referenciais utilizados para a concepção deste estudo.

2. ENSINO DA MÚSICA

Schafer (2011) tece considerações sobre a educação musical. Inicia afirmando o ensino de música na escola é geralmente “mais forte” no ensino básico e vai perdendo sua força, de forma gradativa, conforme o sujeito cresce.

Essa consideração vai ao encontro do que se percebe na realidade brasileira. O ensino não somente musical, mas também, das demais artes, acabam sendo reduzidos de forma gradual, ao ponto que no ensino médio, os educandos tenham apenas um período por semana de aula.

Assim, Schafer (2011) questiona: “Por que temos música nas escolas? ” (SCHAFER, 2011, p. 283).

É uma resposta simples, pois a

[...] música é uma expressão idealizada das energias vitais do próprio Universo [...] [A] prática de música pode ajudar [o sujeito] na coordenação motora dos ritmos do corpo. [...] A música também pode correr, saltar, claudicar, balançar. Pode ser sincronizada com bolas que pulam, com ondas do mar, com galopes de cavalos e com centenas de outros ritmos cíclicos ou regenerativos, tanto da natureza quanto do corpo. (SCHAFER, 2011, p. 283).

Hummes (2004) complementa que a música tem funções relacionadas a atividades de entretenimento, rituais (cívicos e religiosos), um elo integrador disciplinar, propicia trabalhos corporais, desenvolve o raciocínio, bem como a motricidade.

Vê-se com isso, que a música é um instrumento que possibilita aprendizagens para além da própria linguagem musical (MOREIRA; SANTOS; COELHO, 2014). Como exemplo: na Matemática para que ocorra o desenvolvimento do raciocínio lógico; na Língua Portuguesa para a interpretação textual; na Educação Física para o desenvolvimento motor e a expressão corporal.

“A música existe para possamos sentir o eco do Universo, vibrando em cada um de nós” (SCHAFER, 2011, p. 283).

Diante disso, Tavares e Cit (2013) afirmam que a música na escola deve contemplar um trabalho no qual o objeto de estudo é a música, representada tanto pelo desenvolvimento de obras musicais consagradas quanto objetos musicais que fazem parte da realidade dos sujeitos. Schafer (2011) incluí aí, a manutenção do instinto exploratório do educando de forma a se produzir uma música criativa.

O importante é propiciar, por meio da musicalização, o crescimento do sujeito, o que, por sua vez, promove modificações internas (ZAGONEL, 2012).

Não se pode esquecer que a música na escola não fará com que o educando seja um cantor profissional ou um musicista, seguindo essa linha de pensamento Moreira, Santos e Coelho (2014, p.46) falam que:

As atividades musicais realizadas na escola não visam à formação de músicos, mas, contato, vivência e compreensão da linguagem musical. Por isso, propiciar a abertura de canais sensoriais, facilitando a expressão de emoções, ampliando a cultura geral e contribuindo para a formação integral do ser

Por isso, os educadores “[...] precisam ser muito cuidadosos, sabendo quando e como interferir.” (SCHAFER, 2011, p. 284).

Zagonel (2012) coloca que os educadores devem acreditar na metodologia com o qual trabalham.

De nada adianta um grande conhecimento teórico sobre métodos se o [educador] não se identifica com sua filosofia, não se propõe a transformar, a crescer e, especialmente, respeitar e a amar seus [educandos] e a viver a música dentro de si. (ZAGONEL, 2012, p. 17).

Nessa lógica,

Educar musicalmente, em síntese, pressupõe um encaminhamento metodológico que possibilite ao [educador] e aos [educandos] ver, ouvir, criticar e interpretar a realidade, a fim de ampliar suas possibilidades de apreciação e expressão artística. (TAVARES; CIT, 2013, p. 66).

O processo metodológico da área musical no contexto educativo fundamenta-se em três eixos: relação entre atividades de produção e apreciação artísticas, a participação ativa dos sujeitos e a relação com a realidade destes sujeitos, a partir de um diálogo constante entre o educador e educando, como ponto inicial de estudo (TAVARES; CIT, 2013). Na sequência explora-se a apreciação, a produção e o fazer musical.

2.1 Apreciação, produção e o fazer Musical

A atividade de apreciação musical se constitui enquanto uma forma de leitura da produção musical, ou seja, a produção de sentidos. Tavares e Cit (2013) enfatizam que isso, amplia a percepção do sujeito tanto da cultura musical quanto a vida de uma forma geral.

E essa apreciação se constitui em um exercício de ouvir de forma constante. “Deve-se ouvir indagando, estabelecendo relações, conversando, questionando, opinando, gostando ou não, buscando significados [...]” (TAVARES; CIT, 2013, p. 69).

Isso causa a fruição na questão audição musical, proposta diferente de uma prática comum nas escolas que se trata a música apenas como fundo para a realização de atividades em sala de aula (TAVARES; CIT, 2013).

Quanto a atividade de produção musical, que pode ser focada tanto na questão da expressão vocal quanto na instrumental, pode ser realizada tanto de forma individual quanto coletiva. Pode ainda, ser improvisada ou realizada através de partituras ou planejada verbalmente (ZAGONEL, 2012; TAVARES; CIT, 2013).

O teatro e o gesto corporal podem ser formas de acompanhamento e execução musical (ZAGONEL, 2012; TAVARES; CIT, 2013).

Além disso, a construção de instrumentos simples também é uma forma de explorar a produção musical (ZAGONEL, 2012; TAVARES; CIT, 2013).

O PCN estabelece que o ensino de música precisa abrir espaço para que o educando traga a música para a sala de aula, para que se possa contextualizá-la e oferecer acesso a obras que sejam significativas no seu desenvolvimento em nível pessoal em prol de atividades que envolvam a apreciação e a produção (BRASIL, 1997).

Enquanto que o fazer musical, que tanto Schafer (2011) quanto Tavares e Cit (2013) afirmam, incluir a aprendizagem de técnicas e apreciação musical, bem como o julgamento e análise, se dá a partir da constante pesquisa sobre as possibilidades de expressão dos elementos de composição musical, possibilitando o que esclarece Brasil (1997, p. 53), “[...] a construção de hipóteses sobre o lugar de cada obra no patrimônio musical da humanidade, aprimorando sua [(os educandos)] condição de avaliar a qualidade das próprias produções e as dos outros.”

3. ATIVIDADE EDUCATIVA

Esta seção descreve a atividade educativa envolvendo o ensino de música desenvolvida com a sexta fase, do curso de Pedagogia, da Universidade Federal da Fronteira Sul- Campus Erechim. Participaram da atividade trinta e cinco sujeitos (sendo que três sujeitos são do gênero masculino - perfazendo um total de 9% da amostra, enquanto que o restante, trinta e dois sujeitos, são do gênero feminino – perfazendo um total de 91% da amostra). Os sujeitos têm em média 20 a 25 anos de idade.

Para a melhor compreensão da atividade educativa fez-se uso das considerações musicais descritas por Schafer (2011).

Schafer (2011) concentra seu trabalho em três campos:

1. Descoberta do potencial criativo dos sujeitos de forma que possam fazer músicas por si mesmos;
2. Apresentação dos sujeitos aos sons do ambiente, ou seja, trata a paisagem sonora do mundo como uma composição musical, da qual cada um é o principal compositor. A partir disso, promove julgamentos críticos a fim de melhorarem sua qualidade;
3. Descoberta de um nexos ou ponto de união em que todas as artes possam confluír de forma harmônica.

Assim, nos itens que seguem, descreve-se a atividade educativa intitulada “Escravos de Jó...”, como forma articular a música no contexto escolar.

De acordo com Marchiori e Silva (2015) destacam que esta música serve como forma de facilitar e acompanhar o trabalho em sala de aula, uma vez que a utilizaram na educação infantil.

3.1 Descoberta do potencial criativo

Schafer (2011), esclarece que no contexto educativo os conteúdos podem ser ensinados a partir de duas classes: aquela que satisfaz o instinto de busca de conhecimentos e aquela que desenvolve a auto expressão.

Desse modo, afirma que a Música pertence a segunda classe, desenvolve a auto expressão, assim como as demais artes. “Ela é isso, deveria ser assim, porém com a ênfase dada à teoria, à técnica e ao trabalho de memória, a música torna-se predominantemente uma ciência tipo acumulação de conhecimento.” (SCHAFER, 2011, p. 273).

Por isso, questiona-se, afirmando: “Não poderia a música ser pensada como um objeto que simultaneamente libertasse a energia criativa e exercitasse a mente na percepção e análise das próprias criações?” (SCHAFER, 2011, p. 274).

Dessa forma, o autor propõe que haja uma “comunidade programada de aprendizes”, na qual o educador crie uma situação com uma pergunta ou evidencie um problema. A partir do momento que o educando se familiariza com o problema ou situação, inicia-se a improvisação e composição musicais.

Diante disso, o educador solicitou que a turma ficasse em pé, formando um grande círculo e seguisse suas orientações. A Figura 1 mostra a turma reunida.



Figura 1 – Turma reunida em círculo

Fonte: Arquivo pessoal dos autores (2019)

Isto posto, o próximo passo foi que cada estudante batesse uma palma sequencialmente até chegar no estudante que iniciou a batida.

Em seguida, o educador orientou que cada estudante batesse uma palma, acompanhada de uma batida com as mãos na coxa, perpassando por todos os estudantes que estavam no círculo.

A terceira orientação foi que houvesse, de forma intercalada, entre um estudante e outro, uma batida de palma e uma batida com as mãos na coxa, até perpassar por todos os estudantes que estavam no círculo.

A ideia era introduzir ritmo aos sujeitos a partir do corpo. Zagonel (2012) esclarece que o corpo pode ser um elemento importante na emissão sonora. “A partir dele é que se chega a fazer da música, sempre considerando a capacidade criativa e a espontaneidade [do

sujeito], incitando à invenção sonora gráfica por meio da expressão de seus gestos.” (ZAGONEL, 2012, p. 17).

Dessa maneira, o educador conseguiu, por meio de uma situação simples, fazer com que os estudantes pudessem se familiarizar com a ideia de ritmo, que é produzido pelo corpo, fazendo com que eles vivessem a música dentro de si, como preconiza Zagonel (2012).

O educador também estava preocupado com a expressão corporal, a coordenação motora e as descobertas de sons produzidos pelo corpo humano, assim como destacam Marchiori e Silva (2015), em seus estudos.

3.2 Ambiente Sonoro

Schafer (2011) esclarece que o ambiente sonoro se trata dos sons produzidos pelos humanos no mundo no qual vivem. “Os ouvidos de uma pessoa verdadeiramente sensível estão sempre abertos.” (SCHAFER, 2011, p. 276).

Por isso, ouvir esse ambiente sonoro é importante. Ele pode ser comparado a ouvir “[...] uma peça de música - ouvi-la tão intensamente como se ouviria uma sinfonia de Mozart.” (SCHAFER, 2011, p. 277).

O educador como forma de ampliar a paisagem sonora, expandiu os movimentos iniciais desenvolvidos pelos estudantes. Desse modo, os estudantes ainda em círculo, deveriam mover quatro passos para o lado direito, seguido por um passo à frente e outro para trás, passando para outros dois passos para a direita e três pulos no mesmo lugar; repetindo mais dois passos para a direita e três pulos no mesmo lugar (Figura 2).



Figura 2 – Notação musical

Fonte: Os autores (2019)

A Figura 2 mostra uma notação musical simbólica a fim de indicar o movimento. Zagonel (2012) explica que esse grafismo, pode ser uma imagem desenhada no papel e que representa um movimento sonoro. Os silêncios sonoros estão incluídos em cada passo dado de forma a cadenciar o ritmo.

Apoiado nisso, a ideia é uma criação musical, desenvolvida de forma organizada e sistematizada pelo educador, executada pelos estudantes. Zagonel (2012) explica que

Ao falar em *criação musical*, estamos nos referindo a todo e qualquer procedimento em que se inventam músicas, seja por meio da improvisação, espontânea e livre, feita na hora, seja a partir da organização prévia de ideias musicais. (ZAGONEL, 2012, p. 19, grifos do autor).

A partir do momento em que desenvolveram essa atividade em círculo, muitos questionamentos habitavam a mente de cada educando. Essas inquietações despontam em seus relatos orais:

- “O que é isso?”;
- “Será uma música?”;
- “Que música estamos coreografando?”.

O educador explica que a música que se produziu envolveu “educar os ouvidos”, para a escuta não somente dos passos executados, mas os “ruídos” de cunho respiratório, do ambiente interno e externo da sala de aula.

Schafer (2011) explica que um ruído pode ser definido como um som sobre o qual aprende-se a ignorar. “E, como nós temos ignorado por tanto tempo, ele agora foge completamente ao nosso controle.” (SCHAFER, 2011, p. 277).

Além disso, o trabalho permitiu discutir o modo melódico e rítmico de cadenciar os passos, a intensidade sonora produzida, entre outros elementos técnicos que envolvem um trabalho musical.

3.3 Encontro com outras artes

O terceiro momento culminou incluir a música “Escravos de Jó” a notação musical, possibilitando com que os estudantes pudessem utilizar seu conjunto de receptores sensitivos, *sensorium*, como designa Schafer (2011), para sentirem seus corpos em movimento produzindo música, gerando uma dança, com uma música de fundo.

Com isso, vê-se que “A música é uma coleção de elegantes eventos acústicos, e seu estudo é útil e desejável, como um meio de cultivar a capacidade auditiva.” (SCHAFER, 2011, p. 279).

Verifica-se que a sensibilidade e a expressão incluíram não somente uma arte de forma isolada, mas possibilitou uma articulação entre dança, música e a expressão corporal de forma articulada, do mesmo modo que Marchiori e Silva (2015) preconizam em seus estudos, trata-se de um trabalho somativo, no qual, os sujeitos têm a possibilidade de se envolverem com diferentes situações de aprendizagem e troca de experiências, que foram possibilitadas pelo educador.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade educativa possibilitou verificar que o trabalho musical necessita de um planejamento sistemático, envolvimento e dedicação de todos os envolvidos no processo, inclusos neste o educador e o educando. Além disso, é necessário educar o ouvido, como evidencia Zagonel (2012).

Outro ponto importante é o envolvimento das demais artes no processo de desenvolvimento do *sensorium* dos sujeitos, pois “[...] arte é vida e vida é arte.” (SCHAFER, 2011, p.278).

A turma no início da atividade de mostrou tímida, mas aos poucos, foi estimulada a desenvolver algo que fosse relevante para cada um. De acordo com os sujeitos, a partir de

relatos orais, o clima de estranheza e desconfiança de que a proposta daria certo ou não, fez parte da fase inicial da atividade educativa.

Porém, cada sujeito descobriu possibilidades sonoras sendo criadas por seus corpos, de acordo com os relatos orais da turma.

Ao final da atividade educativa, os sujeitos avaliam as aprendizagens e experiências obtidas como forma de inspiração para trabalhos futuros em suas vidas profissionais.

Enfim, com a realização deste trabalho acredita-se que a musicalização seja operacionalizada desde o início da formação de cada indivíduo, como forma propiciar e contribuir nos processos de ensino e aprendizagem, desenvolvendo uma formação integral de cada sujeito, dada as suas vantagens e contribuições nestes processos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 11769, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica.. . Brasília, DF.

GIL, A. C.. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2008.

HUMMES, J. M.. Por que é importante o ensino de música?: Considerações sobre as funções da música na sociedade e na escola. Abem: **Revista Brasileira de Educação Musical**, [s. l.], v. 12, n. 11, p.17-25, set. 2004.

MARCHIORI, A. F.; SILVA, A. G. C.. Currículos compartilhados em um CMEI da rede municipal de Vitória: educação física, arte, música e alfabetização. **Revista Zero-a-seis**, Florianópolis, SC, v. 17, n. 31, p.129-148, 2015.

MOREIRA, A. C.; SANTOS, H.; COELHO, I. S.. A Música na Sala de Aula: A música como recurso didático. **Unisanta Humanitas**, Santos, SP, v. 3, n. 1, p.41-61, 2014.

RODRIGUES, D. D.; MOURA, K. L.. **A música na Sala de Aula: um recurso pedagógico no processo de ensino-aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental**. 2016. 14 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2016.

SCHAFFER, R. M.. **O ouvido pensante**. 2. ed. São Paulo, SP: Unesp, 2011.

TAVARES, I. M.; CIT, S.. **Linguagem da Música**. Curitiba, PR: Intersaberes, 2013.

ZAGONEL, B.. **Brincando com a música na sala de aula.** Curitiba, PR: InterSaberes, 2012.